

José Brissos-Lino

Das árvores e suas margens



HEBEL

José Brissos-Lino

Das árvores e suas margens

poesia



HEBEL

Ediciones

Letheia | Poesía

Das árvores e suas margens

© José Brissos-Lino, 2019

© Hebel Ediciones, 2020

Colección Letheia | Poesía

Santiago de Chile

Imagen de portada: "sueño adolescente y el árbol" (oleo sobre tela) del pintor chileno Hugo Doy (2013)

Cuidado editorial: Luis Cruz-Villalobos

Qué es HEBEL. Es un sello editorial sin fines de lucro. Término hebreo que denota lo efímero, lo vano, lo pasajero, sople leve que parte veloz. Así, este sello quiere ser un gesto de frágil permanencia de las palabras, en ediciones siempre preliminares, que se lanzan por el espacio y tiempo para hacer bien o simplemente para inquietar la vida, que siempre está en permanente devenir, en especial la de este "humus que mira el cielo".

Índice

7	Intróito
9	Exercícios sobre a árvore do conhecimento
13	Os olhos dos outros
17	A sarça de Moisés
21	Como as acácias
25	Amar uma aboboreira
29	A árvore dos felizes
33	A floresta densa e bruta
37	A vinha que não veio
41	Canção do Amado
45	A saga de Zaqueu
49	Quero ser uma palmeira
53	A importância do carvalho
57	Elegia para o Monte das Oliveiras
61	O bosque alegre
65	Uma simples romã
69	Acabou a alegria
73	A rainha
77	A cidade das palmeiras
81	O zimbro de Elias
85	Amêndoas improváveis
89	O lenho do Calvário

Intróito

As árvores e arbustos que vão surgindo ao longo dos textos bíblicos, tanto no Antigo como no Novo Testamentos, constituem riquíssima fonte de inspiração poética e contêm alto significado espiritual, teológico e também simbólico.

"Das árvores e suas margens" procura aflorar levemente esse vasto mundo de significações e representações, particularmente no que respeita ao universo da fé cristã.

Este livro é composto por um conjunto de vinte e um poemas inéditos que se movem no âmbito desta temática.

Afinal de contas, a Criação nunca deixará de inspirar esses loucos, os poetas.

O autor

Exercícios sobre a árvore do Conhecimento

E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.
(Gênesis 2:16,17)

Bem-me-quer, mal-me-quer
o bem-estar não passa por aqui

Bem-me-quer, mal-me-quer
o conhecimento carrega no porão
todos os perigos possíveis

Bem-me-quer, mal-me-quer
os ignorantes são mais felizes

Bem-me-quer, mal-me-quer
não bastavam os frutos de todas as outras árvores?

Bem-me-quer, mal-me-quer
a morte está na boca

Bem-me-quer, mal-me-quer
a curiosidade matou o gato

Bem-me-quer, mal-me-quer
mais vale uma inocência feliz
do que a consciência de todos os pesos
do mundo

Bem-me-quer, mal-me-quer
bem
mal
bem mal
mal bem.

Os olhos dos outros

*E, levantando ele os olhos, disse: Vejo os homens;
pois os vejo como árvores que andam.
(Marcos 8:24)*

Homens não são árvores andantes
talvez fragas da montanha
ou invertebrados

por vezes escondem-se atrás delas
ou gozam-lhes a sombra como Natanael

talvez as matem sem piedade com um machado
nos olhos
ou sejam zaqueus a subir troncos
para esconder as vergonhas

nuns dias comem-lhes os frutos
noutros são pássaros a aninhar-se
em copas dissimuladas

Homens não são árvores mas por vezes parecem
quando os olhos doentios transfiguram
a paisagem humana
e sempre que não conseguem distinguir
os olhos dos outros.

A sarça de Moisés

E apareceu-lhe o anjo do Senhor em uma chama de fogo do meio duma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia.

(Êxodo 3:2)

Nem sempre se vê um fogo que arde sem arder
um arbusto extasiado
de luz
no meio do monótono deserto do Sinai
em dia parado
igual a quarenta anos de dias

não há ali sequer uma brisa
amável
e os animais de nenhures aguardam nas tocas
que o sol adormeça. Irrompe o inusitado
ao cair da tarde

Foi o sol que se recolheu num arbusto inútil
na esquina dum penedo austero e milenar.

Ao longe um estranho arrepio incomodou
o faraó no palácio

mal sabe ele que se aproxima
a mãe de todas as tempestades
de areia e morte.

Como as acácias

*Também fez, de madeira de acácia, tábuas levantadas para o tabernáculo, que foram colocadas verticalmente.
(Êxodo 36:20)*

Há homens como as acácias
simples
verticais
do tamanho de dez côvados
calçados de prata
nobres quanto baste para estabilizar
a casa do Eterno

dignas colunas a sustentar o templo sagrado

São homens despojados
que aquecem os olhos aos devotos
ornam a adoração ao Senhor Deus
e dispensam honrarias

basta-lhes ser
e estar

creceram do pó da terra
enquadram a fé dos justos
e chegam a tocar os céus.

Amar uma aboboreira

*Então disse Deus a Jonas: Fazes bem que assim te ires
por causa da aboboreira?
(Jonas 4:9)*

Amas a abóboreira, Jonas?
amas a sua sombra?

deixaste que que o ressentimento
transformasse os ninivitas
em abóboras
olhas o vegetal como se tivesse carne
e sangue
e alma

O que te fez acabar assim,
profeta forçado,
revolvido nas entranhas do mundo
com cheiro imundo a peixe podre
e a temer os nãos dos outros?

procura melhor
bem dentro do bernal
encontrarás um grão de mostarda
de misericórdia.

Mercado de trocas

Em lugar do espinheiro crescerá a faia, e em lugar da sarça crescerá a murta; o que será para o Senhor por nome, e por sinal eterno, que nunca se apagará.
(Isaías 55:13)

Troco o espinheiro pela faia
para construir as mesas do pão
onde os homens partem e repartem
risos e medos

bancos onde depositam o corpo
e revelam o lado lunar
nos intervalos da jornada dura

Afinal, Jesus de Nazaré era carpinteiro!

Troco a dor pelo bálsamo da cura

troco a sarça pela murta
para tocar a música das esferas
e aquecer o coração dos anjos

troco rudeza por beleza
para enfeitar a tarde com flores brancas

troco o efêmero pelo eterno.

A árvore dos felizes

(Salmo 1)

Feliz de quem dá de beber às raízes
nas águas francas do rio
quem mergulha os pés na frescura do divino
e fica como quem sonha

quem goza a calma dos fins de tarde
sacia os famintos
com os bons frutos do tempo
consola as almas aflitas
com as folhas da árvore da cura

feliz do que não se senta em qualquer roda
com cheiro a pólvora
nem arrisca ilusórios atalhos

feliz de quem não compra qualquer conselho
no mercado das vaidades
nem vai aos saldos por eles

ser venturoso
é uma questão de escolhas.

A floresta densa e bruta

Era uma vez uma floresta negra
e outra vez tropical húmida
ou taiga siberiana

ou ainda floresta temperada
seca
ou boreal

eram abetos serenos
e pinheiros simpáticos

eram sequoias altaneiras da Califórnia
carvalhos serenos

um planeta verde em paleta de tons

Cada árvore tem uma vida
cada árvore tem um nome
uma história completa de luta contra
o persistente manto opaco da invisibilidade

uma luta titânica contra quem não tem tempo
nem discernimento
para organizar uns olhos serenos
e só consegue ver a massa bruta
da floresta densa
estranha
a adivinhar druidas
e bruxas medievais
numa reconhecida sucursal das trevas.

A vinha que não veio

(Isaías 5)

O meu Senhor plantou cuidadosamente uma vinha
em terra eleita
no meio dum distinto nada
e semeou-lhe à volta um muro de palavras de fogo

depois de a limpar
não se esqueceu duma torre
nem do lagar
e sentou-se à espera do fruto delicioso
de tão nobres vides

Na hora da vindima colheu veneno
na forma de uvas mirradas

e chorou

Teve de deitar tudo abaixo
abandonar o intento

Cresceram sarças e espinhos
até a chuva se negou a cair naquele outeiro
vieram os homens e os animais do nada
e pisaram o campo devastado

e a vinha que não veio
voltou ao nada que era dantes.

Canção do Amado

*O meu amado é para mim como um ramalhete de
mirra, posto entre os meus seios.
(Cânticos de Salomão 1:13)*

E agora cantarei ao meu amado
sem a timidez primaveril das virgens
dir-lhe-ei de como o desejo reter

acomodar-lhe a cabeça entre os outeiros gémeos
do meu peito
mergulhado no inebriante odor da mirra

deixá-lo deslizar por estes meus longos cabelos
negros
como os rebanhos de cabras felizes
que descem o monte Gileade em dias de Verão

beijá-lo na boca
que o seu amor é mais duradouro
do que o doce vinho da excelência

cantar-lhe-ei uma canção vermelha como as romãs
quente como o sangue
a correr desalmadamente nas veias

e depois vou acompanhá-lo num sussurro
ao céu de todos os sonhos
para lá das aves
na terra das promessas.

A saga de Zaqueu

*E, correndo adiante, subiu a uma figueira brava para
o ver; porque havia de passar por ali.
(Lucas 19:4)*

Homem pequenino
velhaco
dançarino
ou talvez cobrador de impostos
na cidade das palmeiras
o florescente burgo comercial do sul

homem rico mas pequeno
odiado e infeliz
temido
de alma triste

Sobe, Zaqueu, sobe ao cimo da tua pequenez
esconde-te entre as densas ramagens do poder
esquiva-te a seres ridículo
aos olhos de quem roubas o pão dos filhos

bastava-te ver o Nazareno
e acreditar numa vida digna
voltarias a casa tecendo estratégias
para desatar finalmente o nó das dracmas

o tempo parou
quando estremeceste subitamente
com as vibrações da Voz
e o rumor de espanto da população
entre os olhos penetrantes do Mestre que chamava
e todos os outros olhares
a cavar afastamentos

havia que abandonar o coio do leopardo
descer à terra
retomar a sua verdadeira dimensão

conhecidamente desprezível
na vasta campina do vale de Jericó

havia que sentar o profeta à sua mesa
e servi-lo com desvelo
havia que passar os umbrais da dignidade

e não fosse um súbito raio de sol
a incidir na mesa da comunhão
entre o pão e o vinho
os amanhãs seguiriam iguais
a todos os outros dias vividos

apesar dos olhares
a cavar afastamentos.

Quero ser uma palmeira

O justo florescerá como a palmeira; crescerá como o cedro no Líbano.

(Salmo 92:12)

Hei-de ser como a palmeira
uma torre esguia dum templo sem sinos
que pula e cresce
todos os dias mais um pouco
a caminho do infinito azul
um foguetão sereno
prestes a romper o véu

hei-ser levantado do chão
sacudir as vestes
levantar a cabeça
olhar o alto e depois
dar flor
e fruto

os meus ramos hão-de anunciar
entradas triunfais de reis sem coroa
que ninguém vê
com séquitos de maltrapilhos

hei-de crescer sempre
vertical
como o cedro do Líbano.

A importância do carvalho

*E foi após o homem de Deus, e achou-o assentado
debaixo de um carvalho, e disse-lhe: És tu o homem
de Deus que vieste de Judá? E ele disse: Sou.*

(1 Reis 13:14)

O homem de Deus senta-se sempre
debaixo de um velho e sólido carvalho
na fluidez dos tempos de meditação

não sobe às figueiras
nem se abriga à sombra de fracas árvores

não pendura a esperança em aboboreiras
expeditas e vistosas
daquelas que crescem em poucas horas

não se contenta com arbustos rasteiros

ignora o joio
passa ao lado de cardos e ervas daninhas

Por vezes colhe uma flor amarela
inebria-se como o seu perfume
e depois fecha os olhos
a imaginar a felicidade
dos pássaros.

Elegia para o Monte das Oliveiras

*E, saindo, foi, como costumava, para o Monte das Oliveiras; e também os seus discípulos o seguiram.
(Lucas 22:39)*

Depois do hino vinha sempre
o Monte das Oliveiras
o útero de todas as meditações
afastadas as sombras do pináculo
o coio dos sacerdotes
os olhos raiados dos fariseus

Ali
onde a vida não se escondia sob vestes rituais
o azeite ainda não queimava
as oliveiras e as aves floresciam
e o restante das azeitonas ficava para o estrangeiro
o órfão e a viúva
enquanto um regato envergonhado anunciava
aqueles discretos sons de paz que precedem
todas as tempestades

Ali
onde o musgo estava por veludo
e os ramos mais elevados por dossel
entre uma sesta merecida na tarde cálida
e o alto prazer da comunhão.

O bosque alegre

*Alegre-se o campo com tudo o que há nele; então
se regozijarão todas as árvores do bosque.
(Salmos 96:12)*

Nem sempre a floresta é perigosa
nem sempre se escondem fantasmas no breu
nem monstros nas sombras

nem sempre lobos maus atacam crianças indefesas
no negrume da noite dos homens

Por vezes há árvores que cantam
batem as palmas de gozo

chegam a dançar um tango de mãos dadas
com o vento

saltitam como crianças felizes no fresco
ao cair da tarde
antes de chegar o inferno das chamas
e dos homens.

Uma simples romã

Numa romã não há senhores nem súbditos
todos são gémeos a ocupar
o legítimo espaço

não há madonas nem vedetas
palhaços ou arlequins
todos se ligam mas são gente
valem por si mesmos

E se um dia alguém arrancar um minúsculo gomo
como quem extrai um dente cariado
geme a família toda a noite

Juntos para sempre
um na dor e na vaidade
são feitos da mesma massa
vivem para os lados
na fraternidade horizontal
da sobrevivência.

Acabou a alegria

A vide se secou, a figueira se murchou, a romeira também, e a palmeira e a macieira; todas as árvores do campo se secaram, e já não há alegria entre os filhos dos homens.

(Joel 1:12)

São vindos os dias da desolação
hoje passou a alegria da casa do Senhor
como o vento de Leste

gemem os sacerdotes junto do altar
o *shoffar* chama o povo ao jejum e à penitência

o cântico morre na boca dos levitas
e já não há cordeiros para o sacrifício
nem ofertas de primícias

apenas saco e cinza
lágrimas e clamor
à espera da restauração que chegará
com as chuvas no deserto.

A rainha

Foram uma vez as árvores a ungir para si um rei, e disseram à oliveira: Reina tu sobre nós. Porém a oliveira lhes disse: Deixaria eu a minha gordura, que Deus e os homens em mim prezam, e iria pairar sobre as árvores? Então disseram as árvores à figueira: Vem tu, e reina sobre nós. Porém a figueira lhes disse: Deixaria eu a minha doçura, o meu bom fruto, e iria pairar sobre as árvores? Então disseram as árvores à videira: Vem tu, e reina sobre nós. Porém a videira lhes disse: Deixaria eu o meu mosto, que alegra a Deus e aos homens, e iria pairar sobre as árvores? Então todas as árvores disseram ao espinheiro: Vem tu, e reina sobre nós. E disse o espinheiro às árvores: Se, na verdade, me ungis por rei sobre vós, vinde, e confiai-vos debaixo da minha sombra; mas, se não, saia fogo do espinheiro que consuma os cedros do Líbano.

(Juízes 9:8-15)

Hoje não há quem dê fruto que se veja
e aceite reinar sobre nós

nem a oliveira que nos alumia a peregrinação
e afasta a negrura da noite
prefere gozar o prazer da sua natureza

nem a figueira que nos adoça a boca duma vida
amarga
e amacia as arestas vivas da existência
escolhe a popularidade dos açúcares

nem a videira que nos mata esta sede
e faz caminhar inebriantes entre os viventes
numa alegria breve
fica-se pelas contingências do mosto

Sobra apenas uma princesa rude
em forma de espinheiro de fraca sombra
pronto a arder

perturba-nos as horas
puxa pelas nossas obscuridades
ataca-nos com as lanças
dos humores pontiagudos.

A cidade das palmeiras

*E o sul, e a campina do vale de Jericó, a cidade das
palmeiras, até Zoar.
(Deuterónimo 34:3)*

Cantarei Jericó antes da queda
a grã perfumaria do Oriente
cantarei a cidade das palmeiras
oásis de bons odores e mulheres vaidosas

cantarei a cidade das muralhas imponentes
com gentes altaneiras e perfumadas dentro

cantarei a rainha do sul
o entreposto de todos os comércios
da boca e do corpo

cantarei a queda retumbante dos muros
o som de todos os shofares
o brado esperançoso dum povo em fé
a incrível libertação de Raabe

cantarei a aniquilação da cidade do orgulho
que o bom cheiro agora
tem outro nome.

O zimbro de Elias

Ele, porém, foi ao deserto, caminho de um dia, e foi sentar-se debaixo de um zimbro; e pediu para si a morte, e disse: Já basta, ó Senhor; toma agora a minha vida, pois não sou melhor do que meus pais.

(1 Reis 19:4)

Há sempre uma árvore do desânimo
à beira dos caminhos da vida
o seu fruto propõe uma alienação líquida
inebriante
que lança a crueza das frustrações
à distância duma sesta

a sua sombra é dum cinzento opressor
como a bruma
que faz que acolhe

promete um descanso eterno
insípido
quieto como a morte
no poço da comiseração

Às vezes é preciso um anjo para nos acordar
às vezes é preciso levantar e comer
com todas as forças
beber a água tônica de fé

às vezes é preciso pôr os pés ao caminho
até chegar ao monte de Deus.

Amêndoas improváveis

Sucedeu, pois, que no dia seguinte Moisés entrou na tenda do testemunho, e eis que a vara de Arão, pela casa de Levi, florescia; porque produzira flores e brotara renovos e dera amêndoas.

(Números 17:8)

A vara de Arão devia ser estéril como Sarai
mas resolveu um dia dar flor
gerar uma vida súbita
inverosímil

os melhores frutos nem sempre brotam
a partir da terra lavrada
amaciada pelas chuvas
temperada pelo sol
o sagrado útero da mãe-terra

por vezes descem do céu

onde vem a chuva inteira que molha a terra
e o sol radioso que a aquece.

O lenho do Calvário

Jesus Cristo era gregário
gostava de pessoas
e nem na sua morte dispensou uma de cada lado

o rude lenho do Calvário
plantado no chão do Gólgota
de seiva carmezim
deu flor
na forma de cravos de ferro

cada um dá o que pode

o lenho do Calvário era rude demais
para ficar a sós com um homem

a solidão do Getsêmani era diferente
na protecção das oliveiras
no cantar da fonte
dos pássaros
e do Pai

Como Jesus Cristo gosta tanto de pessoas
resolveu viver dentro delas
sempre que lhe abrem a porta.



José Brissos-Lino nasceu em Lisboa (1954), é casado, tem dois filhos e um neto. Doutorado em Psicologia, Especialista em Ética e em Ciência das Religiões, é director do Mestrado em Ciência das Religiões na Universidade Lusófona, em Lisboa, coordenador do Instituto de Cristianismo Contemporâneo e investigador. Desenvolve há muitos anos intensa actividade em instituições culturais, humanitárias e de solidariedade social, algumas das quais fundou. Foi presidente da Liga dos Amigos do Hospital de São Bernardo, fundador e reitor da Universidade Sénior de Setúbal. Fundou e presidiu à Direcção da BARA-Associação Evangélica de Cultura e dirigiu a revista cultural da mesma. Integrou a Direcção da Aliança Evangélica Portuguesa assim como a respectiva Assessoria de Teologia e Ética. É pastor protestante. Conferencista e autor com obra publicada nas áreas de ficção (romance), poesia, ensaio, e cronista na imprensa regional e nacional, em 1974 assinou com Joanyr de Oliveira e J. T. Parreira o "Manifesto por uma Nova Poesia Evangélica" em Portugal. Integra o Consejo Asesor Iberoamericano da Red Iberoamericana de Poetas y Críticos Literarios Cristianos TIBERIADES.